

APRENDER INGLÊS? PORQUÊ?

Contributo da aprendizagem precoce da Língua Inglesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Cátia Alexandra Madrugo Leitão Gomes

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

junho de 2016



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
Escola de Educação

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

APRENDER INGLÊS? PORQUÊ?

Contributo da aprendizagem precoce da Língua Inglesa no 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Autora: **Cátia Alexandra Gomes**

Orientadora: **Professora Doutora Ana Patrícia Almeida**

junho de 2016

“As we shall see (...) languages conceal and internalize more, perhaps, than they convey outwardly.”
Steiner (1975, p. 32)

Agradecimentos

Ao meu pai. Do fundo do meu coração, um grande obrigado. Mesmo quando eu não queria ouvir, “deste-me na cabeça” e guiaste-me pelo caminho certo. Parte do que sou hoje, a ti te devo.

Aos meus padrinhos, pelo grande apoio e dedicação. Pela confiança depositada em mim, um grande obrigado, do fundo do meu coração.

Ao João, por estares sempre ao meu lado. Por estes maravilhosos quatro anos e por muitos mais que ainda virão. *I love you* meu “chato”.

À Patricia Figueiredo Lúcio, pelo apoio incansável e por estares sempre presente. Sabes bem que “Não é de sempre, mas é para sempre!”.

Às minhas amigas, Márcia Ferreira e Sara Fernandes, pois sem elas tudo seria mais difícil. Obrigada por todos os momentos em que juntas rimos para não chorar e em que dissemos mal das nossas vidas pela carga de trabalho, mas que de certa forma nunca deixámos de nos apoiar incondicionalmente e nunca deixámos nenhuma companheira para trás!

À Inês Pereira, pelas “risadas”, pelos “atrofios”, mas mais importante, pela companhia e pela amizade!

À professora Ana Rebelo, pelo apoio incansável e por nunca ter desistido de mim. Pela maravilhosa professora e amiga que é, o meu mais sincero obrigado!

À professora e orientadora Ana Patricia Almeida, pelo apoio prestado antes, durante e após a construção do relatório. Obrigado.

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.

Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa

Resumo

O presente estudo visa conhecer e compreender as representações de diferentes atores sobre a importância do ensino precoce de uma língua estrangeira na infância, neste caso a língua inglesa.

Este estudo surgiu no âmbito da importância do ensino de uma língua estrangeira pois, atualmente, a aprendizagem de uma segunda língua deverá ser considerada como um instrumento para a participação e a incorporação de um indivíduo na sociedade. Desta forma, a aprendizagem da língua inglesa na infância permitirá às crianças investirem e inserirem-se num espírito cooperativo, pavimentando o seu caminho e tendo um impacto positivo nas relações sociais e culturais que possa ter futuramente, possibilitando ainda um desenvolvimento pleno.

Decorrente do explicitado, definiram-se as seguintes questões de pesquisa: “Qual o contributo da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira durante a infância?” e “Qual a importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira para o desenvolvimento global da criança?”

Para responder a estas questões de pesquisa, foi definido um estudo de carácter qualitativo, ao longo do qual se realizaram três entrevistas a interlocutores-chave, que permitiram fazer emergir algumas considerações importantes nesta matéria.

Com efeito, este estudo permitiu observar que a aprendizagem de uma segunda língua tem um grande impacto na vida de uma criança, pois possibilitará com que a mesma se torne num cidadão consciente de que existem diferentes culturas. Este conhecimento fará ainda com que a criança aprenda a respeitá-las.

Palavras-chave:

Língua inglesa; aprendizagem precoce; língua estrangeira; 1.º Ciclo de Ensino Básico; QECR.

Abstract

The present study aims to acknowledge and understand the representations of different actors on the importance of learning a foreign language in early childhood, in this case English language.

This study arose in the context of the importance of learning a foreign language as currently learning a second language should be considered as a tool for participation and incorporation of an individual in society. Therefore, learning English language in early childhood education will allow children to be invested and inserted in a cooperative spirit, paving their way and having a positive impact on both social and cultural relations they might have in the future, allowing a full development.

Therefore, we defined the following research questions: What's the contribution of early learning a foreign language during childhood? and What's the importance of early learning a foreign language for the child's full development?

To answer these research questions, a study of qualitative nature was conducted, along which three interviews were held to key-actors, which allowed to bring out some important considerations on this regard.

Therefore, this study allowed to observe that the learning of a second language has a huge impact on the child's life, because it will allow her to become a full citizen and become aware of the existence of different cultures. This knowledge will also make the child respect them.

Keywords:

English language; early childhood learning; foreign language; 1st Cycle of Basic Education; CEFR.

Índice Geral

Agradecimentos.....	VII
Resumo.....	IX
<i>Abstract</i>	X
Índice de Figuras e Tabelas.....	XIII
Lista de Abreviaturas/Siglas.....	XIV
Introdução.....	1
CAPÍTULO I – Quadro de Referência Teórico.....	5
1.1 – Aquisição da língua materna.....	5
1.1.1 – Aquisição da fala.....	5
1.2 – Importância da aprendizagem precoce da língua inglesa.....	6
1.2.1 – Estratégias para o ensino da língua inglesa.....	10
1.3 – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR).....	11
1.4 – Quadro legal de aprendizagem da língua inglesa no 1.º Ciclo do EB.....	12
CAPÍTULO II – Problematização e Metodologia.....	17
2.1 – Problema, objetivos e questões de investigação.....	17
2.2 – Paradigma.....	18
2.3 – Participantes.....	19
2.4 – Instrumentos de recolha de dados.....	19
2.4.1 – Inquérito por entrevista.....	20
2.4.1.1 – Elaboração do guião de entrevista.....	20
2.4.1.2 – Realização das entrevistas.....	22
2.4.1.3 – Transcrição das entrevistas.....	24
2.4.2 – Análise documental.....	24

2.5 – Procedimentos de recolha de dados.....	25
2.6 – Análise de conteúdo das entrevistas.....	25
CAPÍTULO III – Apresentação e Discussão dos Resultados.....	29
3.1 – Contributo da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira.....	29
3.2 – Importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira para o desenvolvimento da criança.....	31
Conclusões e Considerações Finais.....	33
Referências Bibliográficas.....	37
Anexos.....	41
Anexo I – Protocolo de confidencialidade	
Anexo II – Guião de entrevista 1	
Anexo III – Guião de entrevista 2	
Anexo IV – Entrevista a E1	
Anexo V – Entrevista a E2	
Anexo VI – Entrevista a E3	
Anexo VII – Grelha de análise de conteúdo	

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1 – Níveis Comuns de Referência segundo o QECR.....	12
Tabela 1 – Níveis Comuns de Referência: Escala Global.....	15
Tabela 2 – Grelha de análise de conteúdo.....	27

Lista de Abreviaturas/Siglas

AEC – Atividade de enriquecimento curricular

EB – Ensino Básico

LE – Língua estrangeira

LI – Língua Inglesa

PE – Pré-Escolar

QECR - Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas

SLA - Second Language Acquisition

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e tem como tema “Aprender inglês? Porquê? – Contributo da aprendizagem precoce da Língua Inglesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Durante a aquisição da língua materna, as crianças não aprendem nada que não lhes transmita significado para a sua vida. Esta aprendizagem, incluindo

o contacto permanente e intensivo com a língua (...) desenvolve nas crianças competências comunicativas, linguísticas, metalinguísticas, cognitivas, fonológicas, a criatividade, o espírito crítico, o gosto pela leitura, enfim, todos os elementos que farão da criança um bom leitor, ao mesmo tempo que eleva o seu nível de desenvolvimento. (Gonçalves, 2003, p. 70)

A língua materna pode ser considerada como a língua de inserção do falante, ou seja, é a língua que um indivíduo utiliza para comunicar e, conseqüentemente, satisfazer as suas necessidades. Já a língua estrangeira é considerada como a “língua de aspiração que leva o sujeito falante a ter de aprender a passar da sua comunidade linguística de inserção para a comunidade linguística de aspiração” (Gonçalves, 2003, p. 20). Esta passagem ocorrerá na sala de aula durante o tempo letivo, enquanto que nas restantes horas será utilizada a língua materna.

Posto isto, é importante que a criança inicie a aprendizagem de uma segunda língua no Jardim de Infância ou no 1º Ciclo do Ensino Básico, pois é nestes contextos que a mesma irá desenvolver e construir uma consciência plurilingue, isto é, de que existem mais línguas para além da sua língua materna, assim como irá aperfeiçoar todas as competências acima referidas tanto na língua materna, como na língua-alvo.

Contudo, importa referir que a aprendizagem de uma segunda língua pode ser feita de duas formas, ou seja, pode ser feita uma aprendizagem simultânea ou uma aprendizagem sucessiva de duas línguas. McLaughlin (1978) e Grosjean (1982, cit. in Figueiredo, 1995) utilizam o critério “idade” para fazerem a distinção entre estes dois tipos de aprendizagem. A aprendizagem simultânea ocorre quando a criança aprende uma segunda língua antes dos três anos de idade. Se a aprendizagem de uma segunda língua ocorrer depois dos três anos de idade, esta aquisição já é feita de forma sucessiva.

No entanto, Braggio (1989, cit. in. Figueiredo, 1995) distingue as duas aprendizagens de uma forma diferente, isto é, se a criança é bilingue, ou seja, tem pais que falam línguas diferentes, temos presente uma aprendizagem simultânea. Se a criança aprende uma língua no contexto familiar e outra língua em contexto mais formal (ambiente escolar, e.g.), estamos perante uma aprendizagem sucessiva.

Em concordância com os autores acima referidos, é possível afirmar que se a aprendizagem de uma língua estrangeira for iniciada logo no 1.º ano de escolaridade da criança, “podemos dizer que estamos numa situação intermédia, ou seja, a criança tem competências a nível da sua língua materna, mas vai iniciar, formalmente, a aprendizagem do código escrito e, ao mesmo tempo, desenvolver competências a nível da oralidade” (Gonçalves, 2003, p. 70). Trata-se de uma aprendizagem sucessiva de duas línguas.

Atualmente existe uma maior consciência de que a aprendizagem precoce de uma língua estrangeira é importante, pois irá permitir à criança desenvolver-se de uma forma global, permitindo igualmente desenvolver competências e atitudes positivas perante outras culturas.

A criança consegue aprender uma língua estrangeira de uma forma mais natural e espontânea se começar a aprendê-la desde cedo. Desta forma, é possível observar a aquisição de um conhecimento mais sólido da mesma, pois quando uma criança está a aprender uma língua diferente da sua língua materna, esta demonstra grande curiosidade para tal, pois é algo novo e motivante para ela. É de salientar que a aprendizagem de uma língua estrangeira fornece à criança alicerces para que esta se torne um cidadão pleno e ativo e que ganhe consciência da existência de diferentes hábitos e culturas, e que estes estarão sempre presentes na sua vida.

Tendo em conta o acima referido, este estudo procurou cumprir os objetivos de pesquisa propostos, assim como responder às questões de investigação surgidas.

O presente relatório encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo fazemos uma breve abordagem à aquisição da língua materna e da fala. Neste capítulo faz-se ainda referência à importância da aprendizagem precoce do inglês no 1.º Ciclo do EB, assim como a algumas estratégias a ter em conta. Num terceiro ponto, é feita uma abordagem ao Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR). Para terminar o primeiro capítulo, faz-se menção à evolução do ensino da língua inglesa no currículo escolar português.

O segundo capítulo pretende apresentar os objetivos do presente estudo, as suas questões de investigação, assim como os princípios metodológicos utilizados para a mesma.

No terceiro e último capítulo, é feita uma análise e discussão dos dados obtidos (resultados), onde se procurou responder às questões de investigação surgidas.

Finalizando o relatório, serão apresentadas as conclusões e considerações finais, assim como as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I – Quadro de Referência Teórico

1.1 – Aquisição da língua materna

A aquisição da língua materna ocorre durante a primeira infância, sendo que a mesma é natural e espontânea. Mas, para que esta aquisição ocorra eficazmente, é necessário que a criança seja exposta a situações onde esteja presente a sua língua materna.

A socialização da criança é uma destas situações e é de extrema importância, pois só assim a mesma se irá desenvolver de forma plena e adquirir a sua língua materna. Mas, como Peixoto (2007) afirma, é necessário considerar mais do que a socialização, isto é, não é só a interação social e a interação cultural que irão ajudar a criança a adquirir a linguagem, mas sim todas as suas interações com o mundo, nomeadamente interações pré-verbais (afetos e pragmatismo) e gestuais, assim como a aprendizagem por imitação. Nunes, Silva & Sim-Sim (2008) dizem-nos que “nesse processo são inquestionáveis, o papel e a importância da linguagem como capacidade e veículo de comunicação e de acesso ao conhecimento sobre o mundo e sobre a vida pessoal e social” (p. 7).

1.1.1 – Aquisição da fala

O desenvolvimento da fala é bastante acentuado nos primeiros três anos de vida da criança, pois o cérebro ainda se encontra em desenvolvimento. Nesta idade, a mesma aprende cada vez mais palavras novas, assim como o seu significado e, se estiver inserida num ambiente onde existem vários sons, onde intervém com diversas pessoas e onde pode ver “aquilo” que produz determinado som, o seu desenvolvimento será muito melhor e muito mais eficaz no que diz respeito à linguagem e à fala.

Durante o desenvolvimento da criança, a linguagem, assim como a fala, são uma parte integrante do mesmo, isto é, as mesmas permitem que a criança se expresse e comunique as suas ideias, as suas emoções e os seus pensamentos. Apesar de a fala e a língua estarem interligadas, as mesmas são distintas, ou seja, a primeira traduz-se como a capacidade de se expressar e comunicar através de gestos e/ou sons, enquanto que a segunda, a língua, traduz-se como sendo um sistema de comunicação que é composto por símbolos (letras ou gestos, no caso da língua gestual).

Durante a sua infância, a criança aprende a sua língua materna através da observação de outras pessoas e cada vez que a mesma produz um discurso correto, deverá ser elogiada, pois este reforço positivo irá ser considerado como um estímulo para um melhor desenvolvimento.

1.2 – Importância da aprendizagem precoce da língua inglesa

Atualmente existe uma maior consciência de que a aprendizagem precoce de uma língua estrangeira é relevante. Strecht-Ribeiro (1998) refere que esta aprendizagem é importante para a criança pois promove o seu desenvolvimento global permitindo a aquisição de atitudes positivas perante diferentes culturas e o desenvolvimento de algumas competências, tais como a autonomia, o espírito crítico, a criatividade e a autoconfiança.

Relativamente à capacidade sócio comunicativa, o autor refere ainda que esta envolve um conjunto de competências, nomeadamente “(...) linguística, sócio-linguística, discursiva, sócio-cultural, social e estratégica (...)” (p. 46).

A aprendizagem de línguas estrangeiras tem também como objetivo desenvolver a capacidade de compreensão da produção oral, assim como da produção escrita, dos falantes da respetiva língua que a criança está a aprender. Strecht-Ribeiro (1998) afirma que “a língua não acontece num vazio (...)” (p. 27), isto é, a língua faz parte da cultura de qualquer povo e é uma das formas de comunicação e de expressão mais importantes existentes na mesma.

Brewster, Ellis & Girard (1992) referem que integrar o ensino das línguas nas restantes áreas curriculares ajuda a desenvolver conteúdos presentes nas mesmas, como por exemplo, na Expressão Musical (ex.: som, ritmo, etc.), na área da Matemática (ex.: números, horas, etc.), Estudo do Meio (animais, plantas, etc.), entre outras, considerando ser uma mais-valia para o ensino-aprendizagem da criança. Para Schütz (2003), quanto mais cedo a criança tem contacto com uma língua estrangeira (LE), melhor se torna e aumenta o ritmo de assimilação desta mesma língua.

La Taille, Oliveira & Dantas (1992) evidenciam que “a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que somente podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas” (p. 33), ou seja, quanto mais contacto existe com diferentes culturas, melhor e mais facilmente será a aquisição da língua. Dias e Mourão (2005), referem algumas vantagens relativamente ao ensino das línguas a nível sociocultural, nomeadamente:

1. As crianças mostram empatia pelos estrangeiros, cultura e tradições estrangeiras.
2. A aprendizagem de uma LE desenvolve a autoconfiança e as competências sociais e de comunicação, assim como aumenta a auto-estima de todas as crianças.

3. A aprendizagem de uma LE constitui, para a criança, uma capacidade acrescida para a vida e uma estrutura para a futura aprendizagem de uma segunda língua (p. 13).

A criança demonstra grande curiosidade para a aprendizagem da Língua Inglesa (LI), pelo que esta, a curiosidade, serve como uma motivação para tal. No início da aprendizagem de uma língua, não devemos exigir um vocabulário perfeito, mas sim animar e reforçar positivamente a criança cada vez que esta se tenta expressar na língua-alvo. É de salientar que todas as aulas que a criança frequenta devem ser bastante lúdicas, para que a mesma não perca o interesse pela aprendizagem da língua estrangeira.

Porém, é indispensável compreender que a aprendizagem de uma LE durante o início do percurso escolar de uma criança é bastante importante pois apresenta uma ponte para a formação de um cidadão pleno e ativo. É também preciso conhecer a “realidade” que a escola apresenta, isto é, aprender uma língua estrangeira desde o início, promove o desenvolvimento da autonomia da criança, permitindo ainda dominar um novo idioma à medida que vai crescendo, como afirma Chaguri (2004) quando nos diz que “nós nascemos com habilidades de discriminar os sons de qualquer língua, mas perdemos isso com o passar dos anos.” (p. 5).

Se formos analisar a utilização da língua inglesa como ferramenta de ajuda para a formação da criança enquanto cidadão do mundo, vemos que a promoção da autoestima da criança valoriza aquilo que a mesma produz enquanto ser individual ou em grupo, e favorece a convivência com os pares, sendo que é necessário também considerar a igualdade que a mesma apresenta perante os outros, assim como a identidade que a mesma adquire, sendo que, permite que a criança aprenda a conhecer-se a si mesma, assim como a conviver com os outros cidadãos, seja na sua língua materna ou em qualquer outro idioma. A aprendizagem de uma língua estrangeira “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais [...], é sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (MEC/SEF, 1998, p. 38).

Germain (1993) pondera que existe um período de tempo crítico de aprendizagem que tem por base alguns fatores biológicos e de maturação que fazem com que a capacidade de aprender uma língua diminua. A aprendizagem de uma língua estrangeira é mais fácil de ocorrer enquanto criança, pois falar uma segunda língua requer uma capacidade que está “localizada” numa parte do cérebro da mesma que é diferente no adulto. Para reforçar, o mesmo autor diz-nos que quando a criança é pequena, a mesma

consegue aprender duas línguas (língua materna e estrangeira) na mesma área cerebral, enquanto a criança mais velha já as vai aprender em zonas do cérebro que são diferentes.

Numa criança, os dois hemisférios do cérebro (o lado esquerdo ligado ao raciocínio lógico e analítico e o lado direito enquanto responsável pela parte criativa, artística e pelas emoções) estão mais interligados do que no cérebro dum ser humano adulto. Por isto, a aprendizagem é mais fácil no período anterior à lateralização do cérebro. (Cruz & Miranda, 2005, p. 87).

Resumindo, como o adulto já possui a consciência fonológica completamente desenvolvida, o mesmo revela uma grande dificuldade em aprender qualquer língua, ou seja, o sistema fonológico da língua que se pretende aprender será difícil de assimilar. Para a criança, estes dois processos de aprendizagem ocorrem ao mesmo tempo, isto é, a aprendizagem das línguas materna e estrangeira, respetivamente. Em suma, é mais vantajoso aprender uma língua estrangeira durante a infância (iniciando a aprendizagem no Jardim de Infância).

Aprender inglês durante o PE e/ou o 1.º Ciclo do EB é bastante importante pois permite construir uma consciência plurilingue, isto é, de que existem mais línguas para além da nossa língua materna. Permite ainda o desenvolvimento de competências que se regem pela fomentação do interesse na aprendizagem de outro idioma ao longo da nossa vida. Iniciar a aprendizagem de uma língua estrangeira apenas no 1º ciclo pode ser considerado como um desafio, mas também como uma experiência bastante gratificante para as crianças. Dias & Mourão (2005) nomeiam algumas vantagens para o ensino da língua estrangeira na infância, particularmente:

1. As crianças com menos de dez anos estão mais receptivas (e desejosas) para aprender uma nova língua.
2. As crianças absorvem a LE como uma esponja, não a vendo como um problema.
3. As crianças não se sentem tão inibidas frente às outras crianças, quer para realizar as tarefas propostas quer perante o erro.
4. As crianças facilmente se envolvem nas tarefas e procuram superar obstáculos na língua-alvo (p. 13).

É absolutamente importante que as crianças tirem o máximo partido desta experiência, pois só assim conseguirão adquirir o conhecimento necessário para o esclarecimento das dúvidas que surjam referentes à língua, ou seja,

torna-se imprescindível proceder à identificação, por um lado, das exigências que irão ser colocadas às crianças, e, por outro, dos benefícios que lhe irão ser propiciados, não esquecendo embora as

implicações que tudo isto representa para o próprio professor e para as escolas (Strecht-Ribeiro, 1998, p. 31).

Durante o 1.º Ciclo do EB são dados, à criança, diversos instrumentos que irão permitir que esta tenha uma perceção diferente do outro, isto é, ter noção de que existem outros seres humanos com culturas, línguas e hábitos diferentes. Nesta altura, a criança encontra-se no Estádio das Operações Concretas, designado por Piaget, sendo este dos sete anos aos doze anos de idade. Durante este estágio, a criança começa a compreender e a utilizar alguns conceitos que a vão ajudar a relacionar-se com o meio em que a mesma se encontra. Feldman, Papalia & Olds (2007), afirmam que é também neste estágio que a mesma irá revelar o início da socialização, ou seja, a criança consegue compreender e colocar-se no lugar do outro, permitindo assim que a mesma coopere e adquira a habilidade de efetuar julgamentos morais.

Referente ainda ao Estádio das Operações Concretas, e como já foi referido anteriormente, Guerrero (2002) diz-nos que a criança já não pensa apenas nela própria e que tem a capacidade de discutir, refletir sobre as suas ações e colaborar no que seja necessário. Piaget (1976) defende que

quando a criança se liberta de seu ponto de vista imediato para “grupar” as relações, o espírito atinge um estado de coerência e de não contradição, paralelo à cooperação no plano social (...), que subordina o eu às leis de reciprocidade (p. 56).

No seguimento do que foi dito anteriormente, todos os instrumentos fornecidos à criança beneficiar-lhe-ão a maturação intelectual, assim como o seu desenvolvimento social. Sendo o seu aparelho fonador bastante “moldável”, a criança que está nesta faixa etária, entre os sete e os doze anos, conseguirá aprender uma nova língua muito mais facilmente, e aprenderá ainda a descentralizar-se e a ter consciência do outro (portador de uma cultura diferente).

Atualmente, a aprendizagem de uma língua estrangeira é considerada como um instrumento que permite a participação e a incorporação de um indivíduo na sociedade. Desta forma, a aprendizagem da língua inglesa ou de qualquer outra língua estrangeira permitirá às crianças inserirem-se num espírito cooperativo, pois o papel que a língua desempenha é importante para as relações sociais e culturais que a criança poderá ter futuramente, possibilitando assim um desenvolvimento pleno da criança.

Neste sentido, podemos afirmar que o Inglês permite à criança adquirir e desenvolver todas as potencialidades individuais que a mesma tem, assim como o trabalho em equipa, ou seja, estimula a sua autonomia, de modo a desenvolver um sentimento de segurança

relativamente às capacidades que tem, e que o ensino de uma língua estrangeira é muito mais produtivo em crianças pequenas (Pré-Escolar (PE) e/ou 1º Ciclo do EB) do que em crianças mais velhas (2.º Ciclo) ou em adultos, pois as mesmas desenvolverão um conhecimento muito maior e mais eficaz.

1.2.1 – Estratégias para o ensino da língua inglesa

Como sabemos, para ensinar qualquer disciplina é necessário utilizar determinadas estratégias para que a criança não se disperse, isto é, devem utilizar-se estratégias que captem a atenção da criança, que a motivem e que a façam “gostar” do que vai e/ou está a aprender.

Antes de mais, um dos pontos mais importantes que se deve ter em atenção quando se está a ensinar a LI, é o vocabulário. O vocabulário, assim como a sua pronúncia, é uma das primeiras coisas que a criança irá aprender, pois não só lhe será ensinado na escola, mas a mesma também tem contacto em todo o lado, seja na televisão ou mesmo na rua por exemplo, quando ouve algum turista a falar. Para tal, uma boa estratégia a utilizar quando se começa a ensinar o vocabulário, é a utilização de objetos reais. Por exemplo: se estivermos a ensinar as diferentes habitações da casa, assim como os seus objetos, podemos utilizar uma maquete, desde que contenha tudo aquilo que pretendemos ensinar.

Relativamente à sua pronúncia, uma boa técnica é a utilização de vídeos, CD's e/ou cassetes, para que as crianças possam ouvir um falante nativo, desde que acompanhadas por um suporte escrito, quer sejam fichas de trabalho, manuais (caso existam) ou outros, onde estejam presentes todas as palavras e/ou frases que estejam a ser trabalhadas. É de salientar que nunca devemos ensinar algo novo à criança sem termos um suporte teórico, escrito, fotográfico e/ou audiovisual, pois de outro modo a criança não conseguirá associar aquilo que está a aprender ao que é pretendido.

Para Nunes (s.d), as crianças aprendem bastante através do lúdico, sejam jogos ou atividades plásticas, ou seja,

as atividades lúdicas têm o poder sobre a criança de facilitar tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma de suas funções psicológicas intelectuais e morais. Ademais, a ludicidade não influencia apenas as crianças, ela também traz vários benefícios aos adultos, os quais adoram aprender algo ao mesmo tempo em que se distraem (...) (para. 2)

Em concordância com a mesma autora, podemos afirmar que cabe ao professor melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, pois é este que deve desenvolver

atividades lúdico-didáticas que permitam aos seus alunos uma melhor e maior aprendizagem.

Relativamente à matéria dada pelo professor, esta deve ser apresentada de forma a cativar os alunos e a mantê-los motivados. Brown (2015), acredita que quanto mais exposição à matéria a criança tem, maior será a retenção daquilo que está a aprender. Assim sendo, o mesmo autor afirma ainda que quanto mais motivação é transmitida à criança para a aprendizagem de uma LE, mais facilmente irá adquiri-la.

Quando o Inglês é apresentado de forma “divertida”, as crianças desenvolvem uma maior atenção, concentração e tornam-se bastante motivadas para a aprendizagem do mesmo, sendo que é através de trabalhos lúdico-didáticos que a criança irá “ganhar” uma finalidade na sua aprendizagem.

Na maioria das vezes, utilizamos o lúdico na aprendizagem da Matemática, mas é importante salientar que o lúdico também deve ser utilizado nas outras áreas disciplinares, nomeadamente na aprendizagem do Inglês, pois esta é uma língua nova e que é utilizada por outras populações. A inserção de atividades lúdicas na aprendizagem do Inglês facilitará esta mesma aprendizagem e ainda trará motivação à criança. Nunes (s.d) indica que é desta forma que conseguimos compreender

(...) o quão é importante a ludicidade no contexto escolar, visto que ela proporciona uma maior interação entre o estudante e o aprendizado, fazendo com que os conteúdos fiquem mais fáceis aos olhos dos alunos, os quais ficam mais interessados em assistir à aula. (para. 4)

Desta forma podemos afirmar que a curiosidade e a criatividade da criança estão a ser bastante estimuladas, e mais tarde desenvolvidas, pois quanto mais contacto temos com uma língua nova, desde cedo, mais fácil será a sua apreensão.

No entanto, é necessário que o professor não se foque apenas no ensino de gramática da LI, mas sim que a apresente de forma “alegre” e prazerosa, para que a criança se sinta bem com ela própria e se sinta motivada para a continuação da aprendizagem desta língua.

1.3 - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR)

Existe um documento que nos auxilia durante o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo este denominado como Quadro Europeu de Referência para as Línguas (QECR). O mesmo é utilizado como base para a elaboração dos programas referentes às línguas, apresentando as linhas que servem de orientação para a construção de manuais, testes e/ou exames, na Europa. O Ministério de Educação prevê que o QECR descreva

(...) exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua (Conselho da Europa, 2001, p. 19).

O QECR diz-nos também que se for necessário, ou houver algum limite de tempo imposto para a aprendizagem de alguma outra língua estrangeira (seja esta a terceira ou quarta língua), que é mais produtivo utilizar “(...) as capacidades de reconhecimento do que as capacidades de memória. O reconhecimento formal de tais capacidades ajudará a promover o plurilinguismo através da aprendizagem de uma maior variedade de línguas europeias.” (Conselho da Europa, 2001, p. 20).

Existem seis níveis que se pretende que os alunos atinjam durante a aprendizagem de uma LE. Os mesmos vão desde o nível A1, o grau de iniciação e terminam no nível C2, o grau de mestria (como representado na figura).

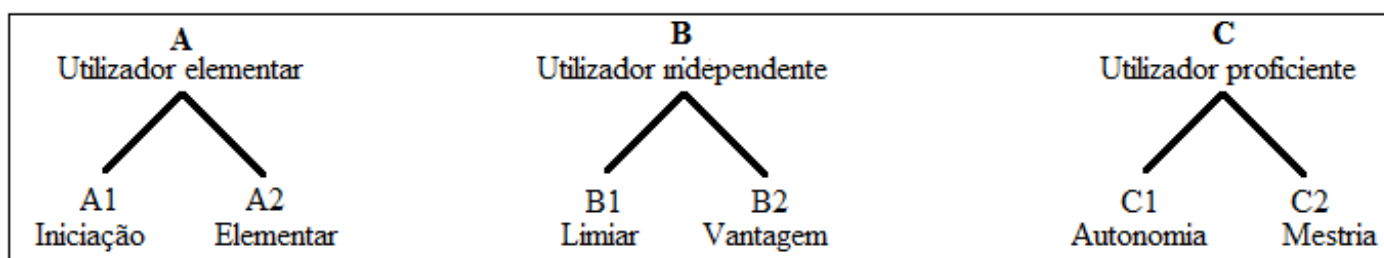


Fig. 1 – Níveis Comuns de Referência segundo o QECR

No 1.º Ciclo, e segundo as Metas Curriculares de Inglês, o nível que se pretende que os profissionais desta área trabalhem com os seus alunos é o nível A1, ou seja, o nível de iniciação.

1.4 – Quadro legal de aprendizagem da língua inglesa no 1.º Ciclo do EB

A Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86 de 14 de outubro, é a lei que “estabelece o quadro geral do sistema educativo” (Artigo 1.º, ponto 1) e apresenta os objetivos gerais do Ensino Básico. No Artigo 7.º são referidos estes mesmos objetivos, onde podemos salientar o seguinte:

Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, (...) sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; (Artigo 7.º, alínea a).

No seguimento destes, a mesma lei prevê ainda que seja proporcionado aos alunos “a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;” (Artigo 7.º, alínea d).

Em 2001, o Ministério da Educação delineou no Decreto-Lei n.º 6/2001 que as escolas, relativamente ao 1.º Ciclo, poderiam “de acordo com os recursos disponíveis, proporcionar a iniciação a uma língua estrangeira, com ênfase na sua expressão oral” (Artigo 7.º, ponto 1). Apesar de tal ser referido, o ensino do Inglês era de carácter facultativo, ou seja, permanecia como uma atividade de enriquecimento curricular (AEC), sendo apenas de ensino obrigatório a partir do 2.º Ciclo.

Alguns anos mais tarde, foram introduzidas algumas alterações, nomeadamente no que diz respeito à disciplina de inglês, no Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro, onde o Ministério da Educação e Ciência, desde 2011, se encontra a “avaliar o sucesso registado pelos alunos e o impacto das reformas efetuadas, procurando dar maior coerência e solidez ao ensino deste idioma fundamental no mundo moderno” (prólogo). O mesmo decreto refere ainda que, a partir de 2013, as escolas começaram a ter uma oferta de língua inglesa no currículo do 1.º Ciclo, ou seja, eram as escolas que tinham “a decisão de assegurar esta oferta educativa no 1.º ciclo do ensino básico e a forma de a concretizar, quer como oferta complementar, quer como atividade de enriquecimento curricular” (prólogo).

Assim sendo, e após a experiência de procura desta disciplina, o Ministério da Educação e Ciência procedeu à mudança do currículo nacional, onde assegurou que o ensino da língua inglesa fosse integrado nesse mesmo currículo, a partir do 3.º ano de escolaridade, “com um grau de exigência apropriado, de forma uniforme, e com metas curriculares adequadas à progressão mais rápida nos ciclos subsequentes” (prólogo).

As Metas Curriculares de Inglês, aprovadas em julho de 2015 (após a última alteração, onde se incluíram as metas propostas para o 1.º Ciclo do EB), são um instrumento de apoio para a construção de programas, exames, entre outros, e contém as competências que se pretende que as crianças alcancem durante a aprendizagem de uma LE. Este documento foi redefinido com o intuito de

estabelecer a articulação entre as Metas Curriculares de Inglês do 1.º ciclo do ensino básico, homologadas a 19 de dezembro de 2014, e as Metas Curriculares de Inglês dos 2.º e 3.º ciclos, homologadas a 13 de maio de 2013 (Bravo, Cravo & Duarte, 2015, p. 2).

Assim sendo, os níveis presentes nas metas curriculares e que se pretende que os alunos atinjam no 1.º Ciclo do EB, na disciplina de Inglês, estão de acordo com a Escala Global do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, apresentado em seguida.

Apesar de o Inglês ser de carácter obrigatório apenas a partir do 3.º ano do 1.º Ciclo do EB, existem estabelecimentos onde os alunos começam a aprender a língua inglesa no Ensino do Pré-escolar, dando continuidade a essa aprendizagem quando transitam para o 1º Ciclo.

Tabela 1 – Níveis Comuns de Referência: Escala Global (Fonte: *Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*)

Níveis Comuns de Referência - Escala Global		
Utilizador proficiente	C2	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exactidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
	C1	É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras. É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.
Utilizador independente	B2	É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.
	B1	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.) É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projecto.

Utilizador elementar	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e directa sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.
	A1	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

CAPÍTULO II – Problemática e Metodologia

O presente capítulo surge com o intuito de apresentar os princípios metodológicos da investigação em curso. Este está organizado em seis pontos: 2.1) Problema, objetivos e questões de investigação; 2.2) Paradigma; 2.3) Participantes; 2.4) Instrumentos de recolha de dados; 2.5) Procedimentos de recolha de dados; 2.6) Análise de conteúdo das entrevistas.

2.1 - Problema, objetivos e questões de investigação

A escolha do tema incidiu na importância que o inglês tem, nos dias de hoje, ou seja, por estar presente nas mais diversas “situações”, tais como: filmes, música, livros, *banners*, entre outros. É de salientar que, por existir uma presença tão grande da mesma e por ser uma língua universal, decidimos trabalhá-lo para podermos conhecer e compreender qual a importância do ensino precoce de uma língua estrangeira na infância.

Hoje em dia o Inglês, para além de ser visto como uma ferramenta, é visto como uma necessidade para o ser humano. Se uma pessoa aprendeu inglês, como segunda ou terceira língua, é vista “com outros olhos”, ou seja, o facto de um adulto saber esta mesma língua permitir-lhe-á ingressar no mercado de trabalho com uma maior facilidade. No caso da criança, a aprendizagem e o conhecimento da língua inglesa como segunda língua, como afirma Strecht-Ribeiro (1998), irá contribuir para “(...) o desenvolvimento global da criança, nomeadamente no que diz respeito ao favorecimento da promoção de atitudes positivas em relação ao outro, assim como da autonomia, do espírito crítico, da criatividade, da autoconfiança e da capacidade sócio-comunicativa” (p. 46).

É importante referir que a aprendizagem de uma segunda língua ajuda bastante na promoção do desenvolvimento cognitivo da criança, assim como permite ter um melhor desempenho na aprendizagem da língua materna. As crianças não têm medo de errar, são bastante curiosas e possuem um enorme espírito de abertura e receptividade para aprender algo novo. É possível observar também que estas, quando estão a aprender algo novo, gostam de mostrar que “já sabem”, mesmo quando é a primeira vez que estão em contacto com alguma coisa.

As Orientações Programáticas para o Ensino e a Aprendizagem do Inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico foram construídas com base na relevância que a língua inglesa apresenta, ou seja, por ser uma língua que é utilizada internacionalmente para comunicar,

por ser uma língua que contém um enorme contributo para a construção da cidadania do ser humano e por apresentar um “ (...) carácter essencial para a construção de uma consciência plurilingue e pluricultural, conforme o Quadro Europeu Comum de Referência enuncia” (Bento, Coelho, Joseph, & Mourão, 2005, p. 9).

Decorrente do acima explicitado, como objetivos do estudo pretendemos conhecer a perspetiva dos docentes relativamente a:

- Compreender quais os benefícios, vantagens e desvantagens do ensino do inglês numa fase precoce;
- Compreender qual a importância da aprendizagem de uma segunda língua e de que forma esta é benéfica para o desenvolvimento global da criança.

Posto isto, surgiram assim as questões de investigação abaixo apresentadas:

1. Qual o contributo da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira durante a infância?
2. Qual a importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira para o desenvolvimento global da criança?

2.2 – Paradigma

O conceito de paradigma, segundo Kuhn (cit. in Pacheco, 1995) é um conjunto de postulados, ou seja, factos reconhecidos, valores, teorias e regras que, por norma, são aceites dentro da comunidade científica.

A nossa investigação é realizada no âmbito do paradigma qualitativo. O paradigma qualitativo contém diferentes métodos de investigação, nomeadamente inquéritos por entrevista, estudos de caso, relatórios de observações diretas, entre outros, pois neste, todo e qualquer objeto de estudo é constituído pelas intenções e situações presentes no mesmo.

Quando falamos em investigação qualitativa, a palavra qualitativa “implica uma ênfase sobre as qualidades e sobre os processos e significados que não são examinados nem medidos experimentalmente [...] em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 23).

Tesch, (cit. in Pacheco, 1995) diz que a investigação qualitativa é tão diversa, que tem diferentes significados para diferentes pessoas. Pacheco (1995) afirma ainda que

a investigação qualitativa proporciona aos investigadores (...) um conhecimento intrínseco aos próprios acontecimentos, possibilitando-lhes uma melhor compreensão do real, com a subjectividade que estará sempre presente, pela conjugação do rigor e da objectividade na recolha, análise e interpretação dos dados (pp. 17-18).

2.3 – Participantes

As entrevistas foram realizadas a profissionais que se encontram dentro da área em estudo. A seleção dos dois primeiros participantes recaiu sobre esta razão, isto é, por serem profissionais que lecionam Inglês no 1.º Ciclo do EB. O terceiro participante foi escolhido por conveniência do investigador. Os mesmos foram identificados com um código denominado de E α , em que o α representa um número.

A primeira entrevistada, identificada como E1, é professora de inglês do 1.º Ciclo. A mesma leciona num colégio privado, há cerca de doze anos. Aos 1.º e 2.º anos do 1.º Ciclo do EB especificamente, a mesma leciona há cerca de dois anos.

A segunda entrevistada, identificada como E2, é professora de inglês no ensino privado. Já lecionou em todos os anos de escolaridade, incluindo em Educação Pré-Escolar, encontrando-se atualmente a lecionar no 3.º ano do 1.º Ciclo do EB.

A terceira entrevistada, identificada como E3, é investigadora na área do bilinguismo e é professora no Ensino Superior. A mesma já realizou diversas investigações ao nível da educação bilingue, publicou vários artigos sobre esta e deu diversas ações de formação sobre o ensino do inglês como segunda língua.

2.4 – Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados é um procedimento presente em estudos de investigação. Implica escolher qual o método/técnica que melhor se adequa à investigação em curso, assim como selecionar todo o conteúdo relevante à mesma.

As técnicas de recolha de dados, segundo Moresi (2003), traduzem-se como um conjunto de procedimentos, previamente definidos, destinados a produzir resultados aquando da recolha e tratamento da informação requerida pela investigação.

2.4.1 – Inquérito por entrevista

O inquérito por entrevista é um instrumento presente na investigação qualitativa e ajuda a obter conhecimentos sobre determinado assunto que é de interesse para o investigador.

A entrevista é considerada um instrumento bastante importante, pois, para além de permitir a obtenção de dados relativamente ao tema em estudo, permite classificar e quantificar os mesmos. Esta técnica possibilita a existência de uma relação oral e presencial entre o entrevistador e o entrevistado, sendo que é possível esclarecer alguma dúvida quanto ao significado das expressões, captação de expressões, entre outros.

As entrevistas realizadas são de carácter semiestruturado, pois apresentam um conjunto de questões previamente elaboradas. Para nos apoiarmos, foram previamente elaborados dois guiões de apoio onde estão representadas as mesmas. Os guiões, apesar de terem as questões pré-definidas, podem ser reestruturados, ou seja, podem ser inseridas novas questões, caso surjam e sejam de interesse para a investigação, e de acordo com as reações dos entrevistados (Bardin, 1994).

Uma entrevista semiestruturada contém perguntas abertas, para possibilitar a receção de diferentes variações de cada resposta apresentada. É preciso ter em conta que as questões, ao serem abertas, permitem que os temas a serem estudados se unam, mas é necessária uma especial atenção por parte do investigador quando interrelaciona os mesmos, para que estes sejam encadeados de forma correta (Fraser & Gondim, 2004).

2.4.1.1 – Elaboração do guião de entrevista

Partindo das questões de investigação, foram elaborados diferentes guiões de entrevista, em função das características dos interlocutores-chave. Todas as questões colocadas no guião de entrevista seguiram uma ordem lógica, partindo de questões mais gerais para questões mais particulares. Os guiões foram elaborados tendo por pano de fundo o quadro teórico e o contexto no que respeita ao ensino da língua inglesa numa fase precoce do percurso escolar.

O primeiro guião (Anexo II, p. 49), aplicado às duas primeiras entrevistadas, está dividido em sete categorias, contendo ainda os objetivos específicos referentes a cada categoria, assim como algumas observações (tópicos).

Categoria A – Legitimação da entrevista

Nesta categoria pretendia-se informar o entrevistado sobre a confidencialidade da entrevista, assim como agradecer o seu contributo e colaboração. Informámos ainda que esta entrevista se destinava a um trabalho de investigação que estávamos a realizar e que estaria presente no Relatório Final de Mestrado. Esclarecemos que todos e quaisquer dados pessoais não seriam referidos pois, uma vez que a entrevista era confidencial e anónima.

Categoria B - Dados pessoais e profissionais

A categoria B destinava-se a obter dados sobre o percurso académico e profissional dos entrevistados, ou seja, pretendia-se que os mesmos nos informassem sobre a sua formação inicial, assim como a sua experiência profissional.

Categoria C - Experiência profissional no contexto do ensino do inglês na infância

Nesta categoria pretendíamos conhecer a experiência profissional dos entrevistados relativamente ao ensino de uma língua estrangeira, nomeadamente o inglês, a crianças do Pré-escolar, 1º Ciclo do EB ou em ambos.

Categoria D – Conhecimento do plano nacional (currículo) de inglês para o 1º Ciclo do EB

Pretendíamos que, com esta categoria, os entrevistados nos informassem se tinham, ou não, conhecimento sobre as orientações programáticas, assim como os conteúdos programáticos referentes à disciplina de inglês.

Era também necessário compreender quais as opiniões dos mesmos quanto às competências a desenvolver, presentes no currículo.

Categoria E - O Inglês como disciplina no 1º Ciclo do EB

Pretendíamos saber se os entrevistados concordavam/discordavam com a inserção do inglês no currículo escolar. Nesta categoria desejávamos ainda que estes nos dessem a sua opinião quanto ao ano de escolaridade que achavam ser o mais adequado para o início da aprendizagem da língua inglesa e se achavam que o inglês deveria ser introduzido no currículo noutros anos de escolaridade do 1º Ciclo do EB.

Categoria F – Desenvolvimento da criança

A categoria F destinava-se a conhecer quais as opiniões dos entrevistados quanto aos benefícios, vantagens e desvantagens da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira na infância.

Categoria G – Interdisciplinaridade

O objetivo da categoria G era compreender a importância da utilização da língua inglesa nas restantes áreas curriculares (Matemática, Estudo do Meio, entre outras). Pretendíamos ainda saber qual a opinião dos entrevistados acerca desta inserção e de que forma é que isto se tornava possível.

O segundo guião (Anexo III, p. 55), aplicado à terceira entrevistada, encontra-se dividido em cinco categorias e estruturado da mesma forma que o primeiro: categorias, objetivos e observações (tópicos). No entanto, importa referir que apenas parte destas são idênticas, exceto duas, sendo estas a categoria C e D.

Categoria C – Experiência profissional e/ou investigações realizadas no contexto do ensino do inglês

Nesta categoria pretendíamos que a entrevistada nos falasse sobre a sua experiência no campo do ensino, mais precisamente na área de investigação do ensino de uma segunda língua. No entanto, era também pedido que nos falasse sobre os aspetos mais relevantes dessa mesma investigação.

Categoria D – Desenvolvimento da criança

Apesar da categoria conter o mesmo nome que a categoria F do primeiro guião, nesta pretendíamos que a entrevistada, para além dos benefícios, vantagens e desvantagens da aprendizagem de uma segunda língua, nos indicasse qual a idade que considerava ser mais adequada para se dar início ao ensino do inglês.

2.4.1.2 – Realização das entrevistas

Para a realização das entrevistas, escolhemos um ambiente adequado, calmo e livre de interferências, que permitisse que os entrevistados se sentissem tranquilos aquando da

entrevista. Estas realizaram-se em locais combinados entre o investigador e o entrevistado.

A primeira entrevista foi realizada numa sala de aula, no local de trabalho do entrevistado. A segunda entrevista foi realizada num espaço público, perto do local de trabalho do entrevistado.

A terceira entrevista foi realizada por *e-mail* (Anexo VI, p. 73), pois a entrevistada encontrava-se fora do território nacional. As entrevistas por email geralmente são realizadas quando existem fatores que impossibilitem esta ser feita presencialmente, pois “interviews may include consciously planning to engage in email interviews instead of, or as well as, face-to-face interviews, because of time limits or other reasons” (Burns, 2010, para. 4). Esta encontra-se no seu formato original.

Antes de se dar início à entrevista, foi apresentado o tema em questão e explicado o objetivo da gravação da mesma. Por motivos pessoais, um dos entrevistados pediu para não ser gravado, sendo que as respostas às questões colocadas foram transcritas diretamente no papel.

O registo das respostas aquando das entrevistas é de extrema importância pois assim previne-se a perda de dados ou a falta destes, isto é, não conseguirmos anotar tudo o que os entrevistados transmitem verbalmente. Gil (1999), afirma que

o único modo de reproduzir com precisão as respostas é registá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador. A anotação posterior à entrevista apresenta dois inconvenientes: os limites da memória humana que não possibilitam a retenção da totalidade da informação e a distorção decorrente dos elementos subjetivos que se projetam na reprodução da entrevista (p 120).

A duração das entrevistas dependeu dos entrevistados na medida em que tentámos que estes não se estendessem demasiado no tempo de resposta de cada questão, mas que de certa forma não se sentissem pressionados e sim à vontade para responderem às mesmas.

No final de cada entrevista agradecemos aos entrevistados pela sua colaboração. O contributo destes permitiu-nos a obtenção de dados bastante relevantes para o estudo em causa.

2.4.1.3 – Transcrição das entrevistas

Após a conclusão das entrevistas, procedemos à transcrição das mesmas. Esta foi feita de forma a ser possível obter toda a informação necessária para a investigação. O conteúdo das respostas foi passado para o formato escrito de forma séria e integral, havendo sempre um cuidado constante para não invalidar os dados obtidos.

Para a transcrição das entrevistas, é necessário que o entrevistador se ponha na posição de investigador pois, segundo Queiroz (1991), “(...) a transcrição efetuada pelo próprio pesquisador tem, também, o valor de uma primeira reflexão sobre a experiência de que partilhou, e que ele cria uma segunda vez ao escutar a fita.” (p. 88).

2.4.2 – Análise documental

A recolha documental incide na obtenção de qualquer documento que possa auxiliar no estudo em questão. A análise de documentos contém duas perspetivas: pode ser utilizada como um complemento de informação que é obtida através de outros métodos, onde se espera encontrar informação que possa ser útil para o estudo em causa e, segundo Bell (1997), pode ser o método de pesquisa principal onde, neste caso, os documentos obtidos são os próprios alvos de estudo.

Toda e qualquer seleção de documentos é sempre influenciada pelo tempo disponível que o investigador tem, ou seja, por vezes todos os documentos adquiridos podem não ser os mais adequados ou podem ser excessivos. Cabe ao investigador selecionar apenas a informação pertinente para o seu estudo. Bell (1997), oferece algumas propostas que podem auxiliar na seleção dos mesmos, tais como “não incluir demasiadas fontes deliberadas e (...) não selecionar os documentos meramente com base na forma como apoiam os pontos de vista ou hipóteses” (p. 107).

A recolha documental foi feita de modo a obter o máximo de informação pertinente para compreender o estudo em causa. Os documentos obtidos para o auxílio do mesmo foram:

- Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86;
- Decreto-Lei n.º 6/2001, onde está definido que as escolas poderiam iniciar a aprendizagem do inglês no 1.º Ciclo em regime de AEC;

- Decreto-Lei n.º 176/2014 de 12 de dezembro, onde vem definido que o ensino do Inglês passou a ser de carácter obrigatório no 1.º Ciclo do EB;
- Programa de Generalização do Ensino de Inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico, que contem as Orientações Programáticas e Materiais para o Ensino Aprendizagem do Inglês.

2.5 – Procedimentos de recolha de dados

Para a recolha de dados, foi previamente elaborado e entregue um protocolo de confidencialidade (Anexo I, p. 45), de forma a informar os entrevistados sobre o anonimato dos dados obtidos. Este protocolo tem o intuito de proteger os entrevistados e garantir que os seus dados pessoais não serão divulgados, a não ser que os próprios autorizem.

Os dados foram recolhidos através da gravação dos entrevistados (exceto uma), sendo que foi anteriormente pedido a sua autorização, explicando que seria para efeitos de um melhor tratamento de dados.

2.6 – Análise de conteúdo das entrevistas

A análise de conteúdo é uma técnica que é utilizada para que haja uma compreensão dos dados recolhidos por parte do investigador. Bardin (1994), salienta que a análise de conteúdo se traduz como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Posto isto, toda a análise realizada foi feita com o máximo cuidado para que os dados obtidos não fossem comprometidos. Em primeiro lugar, foi realizada uma leitura flutuante. Esta leitura flutuante pode ser explicada, segundo Bardin (1994), como uma “leitura intuitiva, muito aberta a todas as ideias, reflexões, hipóteses, numa espécie de <<brain-storming>> individual” (p. 75). A leitura flutuante considera-se também como uma primeira atividade que consiste em estabelecer um contacto com os documentos necessários para análise, com o intuito de conhecer o texto que se está a analisar. De

seguida, foi selecionada toda a informação pertinente (relativamente às entrevistas) e que pudesse ser utilizada para o estudo e, por último, foi construída uma grelha de análise de conteúdo (Anexo VII, p. 79) com esta mesma informação.

Tabela 2 – Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de contexto
Inserção da disciplina de inglês no currículo escolar		
Investigação na área de ensino de uma língua estrangeira	Aspetos mais relevantes da investigação	
Ano de escolaridade	Início do ensino-aprendizagem do inglês	
Idade adequada para início do ensino-aprendizagem de uma segunda língua	Idade adequada para o ensino do inglês	
Importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira		
Benefícios da aprendizagem de uma língua estrangeira	Benefícios e vantagens do ensino-aprendizagem do inglês	
Inserção do inglês no 1.º Ciclo do EB	Ano de escolaridade mais adequado para a	

	inserção do inglês na carga horária dos alunos	
Interdisciplinaridade	Inserção do inglês nas restantes áreas curriculares	

CAPÍTULO III – Apresentação e Discussão dos Resultados

No decorrer da nossa investigação, pudemos compreender que o currículo escolar, referente à disciplina de inglês, tem vindo a ser alterado ao longo dos anos. É de notar que, em 2001, o inglês era apenas lecionado em regime de AEC, passando a ser de ensino obrigatório a partir do 3.º ano do 1.º Ciclo do EB apenas em 2014, conforme consta no Parecer n.º 2/2014 de 28 de janeiro e no Decreto-Lei n.º 176/2014 de 12 de dezembro.

Como já foi referido ao longo da nossa investigação, aprender uma língua estrangeira numa fase precoce, ou seja, em idade escolar, é bastante importante para o desenvolvimento da criança. Esta aprendizagem permitir-lhe-á desenvolver as suas potencialidades individuais e trabalhar em equipa, estimulando a sua autonomia, de modo a desenvolver um sentimento de segurança relativamente às capacidades que tem.

Para discutir os resultados obtidos, é conveniente relembrar as duas questões de investigação: “Qual o contributo da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira durante a infância?” e “Qual a importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira para o desenvolvimento global da criança?”.

3.1 – Contributo da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira

Durante a nossa investigação e a partir da análise das entrevistas realizadas, chegamos à conclusão de que a aprendizagem precoce de uma segunda língua é bastante importante para a criança, tanto na perspetiva das nossas entrevistadas, assim como do ponto de vista teórico, pois “proporciona o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, por exemplo, a habilidade de compreender diferentes perspetivas.” (Anexo VI, p. 75, linha 62), sendo possível observar que, para além de desenvolver competências cognitivas e sociais, é benéfica na medida em que ajuda a criança a adquirir noções de que existem diferentes culturas e diferentes línguas.

A aprendizagem de uma língua estrangeira proporciona não só o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, mas também de competências que são inatas à criança, ou seja, a sua autonomia, espírito crítico e autoestima. Contudo, é possível observar que as crianças, depois de aprenderem uma segunda língua, sentir-se-ão bem quando tiverem contacto com a mesma, pois aprender uma língua estrangeira promove o

“(...) aumento da capacidade linguística das crianças e além disso elas ganham aquele gosto por aprender uma língua nova.” (Anexo V, p. 69, linha 70).

Mesmo antes de compreender qual o significado de uma palavra, a criança já é capaz de entender o que lhe é dito. Por existir esta compreensão, a criança que é exposta a uma língua estrangeira irá recorrer à capacidade que possui e conseguirá interpretar as palavras que ouve e/ou vê, explorando assim a sua própria língua e a língua-alvo. Consequentemente, Hagège (1996) afirma que o ensino de uma língua estrangeira deve ser introduzido antes da entrada da criança no 1.º Ciclo pois é nesta fase que a criança está mais disponível para aprender uma nova língua e “(...) em que os seus olhos e ouvidos estão abertos ao Universo”, pois “as crianças expostas muito cedo à aprendizagem da língua estrangeira têm maior facilidade para aprenderem uma nova língua” (p.70).

Em concordância com o autor, podemos afirmar que quando a aprendizagem de uma segunda língua é iniciada ainda no pré-escolar, mais facilmente esta ocorrerá sem problemas, pois é nesta idade, entre os três e os cinco anos de idade, que as crianças se encontram mais aptas e predispostas para a inserção de um novo idioma, pois “(...) elas têm mais facilidade em receber e apreender outra língua que não a sua língua.” (Anexo IV, p. 62, linha 52). No entanto, as duas primeiras entrevistadas afirmam que o ensino formal do inglês deve ser iniciado a partir do 1.º ano de escolaridade, enquanto que E3 afirma que este ensino se encontra adequado, isto é, que deve ser iniciado no 3.º ano de escolaridade.

Sendo o inglês uma língua universal, é crucial que seja lecionado de forma lúdica para que as crianças apreendam melhor todas as aprendizagens transmitidas. Como tal,

(...) se as crianças aprenderem a língua, vão-se sentir muito mais à vontade quando abordarem alguma coisa que envolva a língua, como por exemplo, quando alguém falar com elas em inglês e quiserem retribuir a “gentileza” ou até mesmo quando virem um filme sem legendas e quando ouvirem uma música, entre muitas outras coisas (...) (Anexo IV, p. 63, linha 69)

Posto isto, é possível afirmar que a aprendizagem precoce da língua estrangeira é uma mais-valia para a criança, pois também irá contribuir para o seu desenvolvimento social, isto é, irá permitir que a mesma adquira a capacidade de interagir com o outro, “dando espaço à intercompreensão entre pessoas num determinado contexto social. Ao

ensinar inglês à criança (...) estamos a ajudá-la na sua socialização, dando assim o nosso contributo para a sua transformação num ser mais responsável e consciente.” (Sousa, 2004, p. 72).

3.2 – Importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira para o desenvolvimento da criança

Desde o início da nossa investigação, notámos que a aprendizagem precoce do inglês tem uma grande influência no desenvolvimento da criança, especialmente por ser um “(...) meio muito facilitador na aquisição da própria língua materna.” (Anexo V, p. 69, linha 65), ou seja, e como podemos observar pelo que o “Livro Branco” sobre a educação e a formação (1995) nos indica, a aprendizagem precoce de uma língua estrangeira é importante para o desenvolvimento da criança, pois

a aprendizagem das línguas tem outro alcance. A experiência mostra que, quando é organizado na mais tenra idade, é um factor não negligenciável de sucesso escolar. O contacto com uma outra língua, não só é compatível com o domínio da língua materna, como ainda a favorece. Desenvolve as capacidades de atenção e da agilidade intelectual. Como é evidente, alarga o horizonte cultural. (p.70)

Para Collier (1987) também esta aprendizagem é significativa durante a infância pois “adults sometimes experience problems with SLA, so that overall, with time, younger acquirers tend to attain higher levels of proficiency in second languages than those who begin SLA as adults” (p. 619).

Strecht-Ribeiro (1998) é da opinião de que “a criança que inicia cedo o contacto com a L.E. revela uma maior compreensão do sistema linguístico da sua própria língua e torna-se consciente da existência da língua como um fenómeno.” (p. 62). O referido autor afirma ainda que

a aquisição de uma outra língua (...) é o melhor meio para captar os aspectos específicos da L.M. e para compreender o serviço que ela presta ao pensamento (...) A experiência vivida com dois sistemas linguísticos diferentes parece atribuir-lhe uma maior flexibilidade mental, superioridade na formação de conceitos e uma variada gama de capacidades mentais. (p. 26)

Como é possível observar pelas afirmações dos autores acima referidos, o ensino-aprendizagem de uma segunda língua irá promover, na criança, a consciência do

funcionamento da sua própria língua (língua materna). Por sua vez, a criança também conseguirá compreender como funciona a língua-alvo.

Reis (2000), também relativamente a esta aprendizagem, apresenta-nos alguns pontos que considera serem importantes e benéficos para a criança, nomeadamente:

- A aprendizagem de uma língua estrangeira promove o desenvolvimento auditivo e fonético e conseqüentemente, favorece uma aprendizagem mais profunda da língua-alvo;
- O enriquecimento da língua materna, isto é, a compreensão das novas estruturas linguísticas;
- A desmistificação de estereótipos relativamente ao que é estrangeiro.

Todavia, é necessário salientar que se pretende que as crianças, durante a aprendizagem de uma segunda língua, alcancem um determinado nível de proficiência, sendo este estipulado pelo QECR.

Posto isto, e segundo as metas curriculares de inglês, o nível que se pretende que os alunos alcancem no final do 1.º Ciclo do EB é o nível A1, mas, ao contrário do que estas indicam, E3 afirma que um dos pontos mais relevantes e que demonstram a importância da aprendizagem de uma segunda língua é conseguir que as crianças atinjam “um grau de proficiência linguística avançado que permita comunicar fluentemente, tanto oralmente como por escrito (mínimo B2 na escala da CEFR)” (Anexo VI, p. 74, linha 53).

Concordando com a entrevistada, podemos afirmar que o grau de proficiência linguística que a mesma refere deveria ser o nível a alcançar. O que queremos dizer com esta afirmação é que, durante a aprendizagem de uma língua estrangeira, os conteúdos lecionados repetem-se diversas vezes. Este ensino ocorre desta forma pois nem todos os alunos têm a oferta educativa de aprendizagem de uma língua estrangeira nas escolas em Educação Pré-Escolar, no 1.º Ciclo do EB ou em regime de AEC. Esta “lacuna” fará com que muitas vezes a matéria lecionada se repita, levando apenas à obtenção dos conteúdos básicos.

Conclusões e Considerações Finais

Quando uma criança aprende uma segunda língua, este ensino que lhe estamos a transmitir, é muito mais que isso, não é mero ensino. Ensinar uma segunda língua a uma criança é como ensinar novos “modos de vida” de um povo que a fala, ou seja, à medida que a criança vai confrontado a língua-alvo, vai adquirindo também um espírito aberto e tolerante perante essas diferentes culturas. “A criança assim, fica preparada para aceitar na sua personalidade o impacto de outras línguas, de outras culturas e de outras civilizações” (Bouton, 1975, p. 430).

Deste modo, é essencial que as crianças aprendam a língua inglesa, pois só assim conseguirão, com facilidade, compreender as diferentes culturas que as rodeiam, assim como a língua em si.

Não discordante, Bouton (1975) diz-nos também que quando a criança aprende uma segunda língua, acaba por descobrir uma independência a nível do seu pensamento. “Tal aprendizagem pode ser ocasião para descobrir, dominar outra maneira de sentir, (...) uma vez que favorece uma melhor compreensão dos outros, desperta para a tolerância, (...) dando uma visão mais alargada do mundo, das coisas e das ideias.” (p. 430).

É necessário que também haja uma sensibilização relativamente ao ensino do Inglês no 1.º Ciclo do EB, pois esta mesma sensibilização irá promover, na criança, uma atitude positiva perante a língua-alvo, o despertar da curiosidade para a aprendizagem da mesma, assim como um incentivo perante a vontade de falar essa mesma língua.

Para terminar, penso que é importante salientar que este trabalho deve ser considerado como um processo que fomos construindo e aperfeiçoado durante o decorrer da nossa investigação e que, aos poucos, talvez seja necessário dar alguns passos mais além para podermos crescer, seguindo por um caminho que está sempre em constante renovação e que durante todo o nosso percurso académico ou profissional, o objetivo principal será chegar cada vez mais longe.

Limitações do estudo

O presente estudo teve algumas limitações, nomeadamente a falta de informação relativa ao tema em questão, assim como o tempo disponível para a realização do

relatório. O tempo que tivemos para a realização do mesmo pôde ser considerado como uma limitação, no sentido em que achamos que seria necessário mais tempo e dedicação, assim como algumas observações diretas e inquéritos por questionário.

Estas observações e o preenchimento dos questionários seriam importantes para podermos compreender qual a perspetiva das crianças em relação ao ensino do inglês, ou seja, de que forma é que as crianças consideram que todo este ensino é prazeroso para elas, assim como dos docentes, isto é, de que forma é que as crianças alcançam todos os objetivos que estes pretendem.

Para terminar, considero que seria importante terem sido feitos inquéritos por questionário aos alunos do 2.º Ciclo, mais propriamente no 5.º ano de escolaridade, e aos seus docentes. Aos alunos, para compreender de que forma é que estes consideraram que a aprendizagem de uma língua estrangeira, nos quatro anos de escolaridade anteriores, foi benéfica para eles. Aos docentes, para compreender de que forma é que os alunos se encontravam preparados para a inserção de novos conteúdos programáticos.

Recomendações para futuras investigações

Para futuras investigações, seria pertinente realizar mais entrevistas a diferentes docentes, talvez de diferentes escolas, para compreender quais as suas perceções relativamente ao ensino do inglês no 1.º Ciclo do EB e como este se processa nos seus locais de trabalho.

Relativamente aos alunos, seria pertinente fazer inquéritos por questionários aos mesmos, do 4.º ano de escolaridade, para compreendermos de que forma é que o ensino do inglês seria importante e benéfico para estes e de que forma é que o inglês os iria ajudar futuramente.

Seria pertinente aplicar inquéritos por questionário também aos alunos do 5.º ano de escolaridade para compreendermos de que forma é que estes consideravam que o ensino do inglês, durante o 1.º Ciclo do EB, tinha sido pertinente para eles.

Ainda relativamente à execução de inquérito por questionários, desta vez aos docentes, caso existissem alunos sem preparação prévia, ou seja, que tivessem ingressado no 2.º Ciclo sem terem tido a disciplina de inglês no 1.º Ciclo do EB, seria pertinente

saber de que forma é que estes se encontravam preparados para a inserção de uma nova língua e novos conteúdos.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bento, C., Coelho, R., Joseph, N., & Mourão, S. J. (2005). *Programa de Generalização do Ensino de Inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico: Orientações Programáticas - Materiais para o Ensino e a Aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Bouton, C. P. (1975). *O Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Moraes Editores.
- Bravo, C., Cravo, A., & Duarte, E. (2015). *Metas Curriculares de Inglês - Ensino Básico: 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Brewster, J., Ellis, G., & Girard, D. (1992). *The Primary English Teacher's Guide*. London: Penguin Books, Ltd.
- Brown, H. D. (2015). *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy* (4ª ed.). UK: Pearson Education ESL.
- Burns, E. (30 de Novembro de 2010). Developing Email Interview Practices in Qualitative Research. *Sociological Research Online*, XV (4). Obtido em 29 de Junho de 2016
- Chaguri, J. P. (2004). *A importância da língua inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental*. Paraná: Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná.
- Collier, V. (1987). *Age and rate of acquisition of second language for academic purposes* (Vol. XXI). Virginia: TESOL Quarterly.
- Cruz, M. R., & Miranda, S. (2005). *Por uma definição do professor de ensino precoce de línguas em Portugal: um estudo de caso*. Porto: ESE Paula Frassinetti. Obtido em 19 de Fevereiro de 2016, de <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/28>
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. Em N. Denzin, & Y. Lincoln, *O planeamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2ª ed., pp. 15-41). Porto Alegre: Artmed.
- Dias, A., & Mourão, S. (2005). *Inglês no 1.º Ciclo: Práticas partilhadas - Sugestões para projectos de ensino do Inglês no 1.º Ciclo*. Porto: Edições ASA.

- Feldman, R. D., Papalia, D., & Olds, S. W. (2007). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Figueiredo, F. J. (jan/dez de 1995). Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua. (J. P. Pinto, Ed.) *Revista SIGNÓTICA*, VII, pp. 39-57. Obtido em 27 de Junho de 2016, de SIGNÓTICA: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/vies/7380/5246>
- Fraser, M., & Gondim, S. (2004). Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Da fala do outro* 14 (28). Obtido em 6 de abril de 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf/>
- Germain, C. (1993). *Évolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris: Clé International.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, I. (2003). *O ensino precoce de uma língua estrangeira no 1.º ciclo do ensino básico como factor de sucesso da aprendizagem da língua materna*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.
- Guerrero, P. V. (2002). *Desenvolvimento cognitivo, aceitação social entre pares e dificuldades de aprendizagem na escrita*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Hagège, C. (1996). *A Criança de Duas Línguas*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Moresi, E. (2003). *Metodologia de Pesquisa*. Programa de Pós-graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação da Universidade Católica. Brasília: Universidade Católica.
- Nunes, A. R. (s.d.). *O lúdico na aquisição da segunda língua*. Obtido em 19 de Fevereiro de 2016, de <http://www.linguaestrangeira.pro.br/index.php/artigos-e-papers/55-artigos-em-portugues/12-o-ludico-na-aquisicao-da-segunda-lingua.html>
- Nunes, C., Silva, A. C., & Sim-Sim, I. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância: Textos de Apoio para os Educadores de Infância*. Lisboa: Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Pacheco, J. A. (1995). *O Pensamento e a Acção do Professor*. Porto: Porto Editora.

- Peixoto, V. (2007). *Perturbações de Comunicação - a importância da deteção precoce*. Lisboa: Universidade Fernando Pessoa.
- Piaget, J. (1976). *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Queiroz, M. I. (1991). *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva* (Vol. VII). São Paulo: T. A. Queiroz.
- Reis, M. (2000). O Ensino Precoce das Línguas Estrangeiras: Dos textos oficiais aos programas do ensino e aprendizagem de Francês, Língua e Culturas Estrangeiras no 1.º Ciclo do Ensino Básico em Portugal. Em M. C. Roldão, & R. Marques, *Inovação, Currículo e Formação* (pp. 229-242). Porto: Porto Editora.
- Schütz, R. (2003). *O que é talento para Línguas?* Obtido em 19 de Fevereiro de 2016, de LínguaEstrangeira: <http://www.linguaestrangeira.pro.br/index.php/artigos-e-papers/55-artigos-em-portugues/14-o-que-e-talento-para-linguas.html>
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta.
- Sousa, M. C. (2004). *A Aprendizagem Precoce das Línguas Estrangeiras no 1º Ciclo do Ensino Básico – Formação de Professores*. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica. Madeira: Universidade da Madeira.
- Strecht-Ribeiro, O. (1998). *Línguas Estrangeiras no 1.º Ciclo: razões, finalidades, estratégias*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Steiner, G. (1975). *After Babel - Aspects of Language and Translation*. London: Oxford University Press
- La Taille, Y., Oiveira, M. K., Dantas, H. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão* (19ª ed.). São Paulo: Summus editorial.

Fontes:

- Comissão Europeia. (1995). <<*Livro Branco*>> *sobre a educação e a formação – Ensinar e Aprender: Rumo à Sociedade Cognitiva*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Conselho da Europa. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Vila Nova de Gaia: Edições ASA.

Decreto-Lei n.º 6/2001 - Diário da República, 1.ª série-A – N.º 15 – 18 de Janeiro de 2001. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei n.º 176/2014 – Diário da República, 1.ª série – N.º 240 - 12 de dezembro de 2014. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Lei n.º 46/86 - Diário da República, 1.ª série – N.º 237 – 14 de Outubro de 1986. Assembleia da República. Lisboa.

MEC/SEF. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.

Parecer n.º 2/2014 - Diário da República, 2.ª série — N.º 19 — 28 de janeiro de 2014. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Anexos

Anexo I – Protocolo de confidencialidade

Protocolo de confidencialidade

Eu, Cátia Alexandra Madrugo Leitão Gomes, aluna nº 20110458 do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico no ISEC – Instituto Superior de Educação e Ciências, venho por este meio informar que qualquer informação recolhida, aquando da entrevista, será apenas utilizada para a obtenção de dados relevantes à investigação em curso e que quaisquer dados que possam identificar o/a entrevistado/a não serão divulgados em qualquer parte do trabalho a ser realizado.

Sem mais assunto,

Cátia Gomes

Anexo II – Guião de entrevista 1

GUIÃO DE ENTREVISTA

I- Tema: Aprendizagem precoce do Inglês na infância

II- Objetivos gerais:

1. Recolher dados caracterizadores das opiniões dos entrevistados sobre a aprendizagem precoce do inglês.

III- Objetivos específicos e estratégias

Categorias	Objetivos	Questões	Tópicos
A – Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista, informando o entrevistado sobre a sua confidencialidade. Valorizar o seu contributo e agradecer a sua colaboração	Esta entrevista destina-se a um trabalho de investigação, presente no meu Relatório Final de Mestrado, a apresentar no ISEC. Agradeço, desde já, o seu contributo pois este é fundamental para o êxito do mesmo. Esta entrevista é confidencial, mas gostaria de saber se me permite gravá-la para um melhor tratamento de dados.	Tentar responder às questões colocadas sem se desviar muito ou quase nada dos objetivos estipulados

B – Dados pessoais e profissionais	1. Caracterizar o entrevistado no que respeita ao seu percurso académico e profissional	Fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e sobre o seu percurso profissional.	Formação inicial/pós-graduada Experiência profissional/anos de serviço/instituições onde trabalhou
C – Experiência profissional no contexto do ensino do inglês na infância		Qual a sua experiência no ensino de uma língua estrangeira, neste caso do inglês, a crianças do pré-escolar e 1º ciclo do EB	Experiência mais no Pré-escolar ou 1º ciclo? Ou nos dois...
D – Conhecimento do plano nacional (currículo) do inglês para o 1º ciclo do EB	2. Compreender se o entrevistado conhece os conteúdos programáticos/orientações programáticas referentes à disciplina de inglês	Tem conhecimento dos conteúdos programáticos/orientações programáticas existentes referentes à disciplina do Inglês? Qual a sua opinião sobre este currículo e sobre as competências que desenvolve?	
E – O Inglês como disciplina no 1º Ciclo do EB	3. Compreender se o entrevistado discorda/concorda que o inglês seja parte	Concorda com a inserção da disciplina do inglês no currículo escolar? Porquê?	

	integrante do currículo escolar nacional	<p>Qual o ano de escolaridade em que considera que devia dar-se início ao ensino do inglês?</p> <p>Na sua opinião, as crianças deverão iniciar a aprendizagem do inglês na Educação Pré-escolar ou no 1º Ciclo do Ensino Básico?</p> <p>Porquê?</p>	
F – Desenvolvimento da criança	4. Conhecer quais os benefícios, vantagens e desvantagens do ensino do inglês	<p>Qual a sua opinião sobre a importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira?</p> <p>De que forma é que a aprendizagem do Inglês é benéfica para a criança?</p> <p>Indique quais são, para si, as vantagens da aprendizagem do inglês numa fase precoce</p>	

		Indique, caso considere que existem, as desvantagens da aprendizagem do inglês.	
G – Interdisciplinaridade	5. Compreender qual a importância da utilização da língua inglesa nas restantes áreas curriculares	<p>Neste momento o inglês faz parte do currículo do 1º ciclo do EB a partir do 3º e 4º ano de escolaridade. Acha pertinente a inserção da língua inglesa noutros anos de escolaridade do 1º Ciclo do EB?</p> <p>Qual a sua opinião sobre a inserção do inglês nas restantes áreas curriculares e de que forma acha possível essa inserção?</p>	Compreender se insere as diferentes disciplinas quando leciona inglês

Anexo III – Guião de entrevista 2

GUIÃO DE ENTREVISTA

I- Tema: Aprendizagem precoce do Inglês na infância

II- Objetivos gerais:

2. Recolher dados caracterizadores das opiniões da entrevistada sobre a aprendizagem precoce do inglês.

III- Objetivos específicos e estratégias

Categorias	Objetivos	Questões	Tópicos
A – Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista, informando o entrevistado sobre a sua confidencialidade. Valorizar o seu contributo e agradecer a sua colaboração	Esta entrevista destina-se a um trabalho de investigação, presente no meu Relatório Final de Mestrado, a apresentar no ISEC. Agradeço, desde já, o seu contributo pois este é fundamental para o êxito do mesmo.	Tentar responder às questões colocadas sem se desviar muito ou quase nada dos objetivos estipulados

		A entrevista é confidencial, mas gostaria de saber se me permite transcrever os dados presentes na mesma para um melhor tratamento de dados.	
B – Dados pessoais e profissionais	6. Caracterizar o entrevistado no que respeita ao seu percurso académico e profissional	Fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e sobre o seu percurso profissional.	Formação inicial/pós-graduada Experiência profissional/anos de serviço/instituições onde trabalhou
C – Experiência profissional Experiência profissional e/ou investigações realizadas no contexto do ensino do inglês.		Fale-me um pouco sobre a sua experiência formativa e ao nível da investigação na área do ensino de uma segunda língua e, de forma concreta, no ensino do inglês como segunda língua. Quais os aspetos mais relevantes que a investigação nesta área têm evidenciado?	Experiência no ensino e investigação de uma língua estrangeira a crianças de idades compreendidas entre os 3 e os 12 anos

D – Desenvolvimento da criança	7. Conhecer quais os benefícios, vantagens e desvantagens do ensino do inglês	<p>Na sua opinião, qual a importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira?</p> <p>Qual a idade que considera ser mais adequada para dar início ao ensino do inglês?</p> <p>De que forma é que a aprendizagem do Inglês é benéfica para a criança?</p> <p>Indique quais são, para si, as vantagens da aprendizagem do inglês numa fase precoce.</p> <p>Indique, caso considere que existem, as desvantagens da aprendizagem do inglês.</p>	
E – Interdisciplinaridade	8. Compreender qual a importância da utilização		

	<p>da língua inglesa nas restantes áreas curriculares</p>	<p>Neste momento o inglês faz parte do currículo do 1º ciclo do EB a partir do 3º e 4º ano de escolaridade. Acha pertinente a inserção da língua inglesa noutros anos de escolaridade do 1º Ciclo do EB?</p> <p>E qual a sua opinião sobre a inserção do inglês nas restantes áreas curriculares? Porquê? De que forma acha possível essa inserção?</p>	
--	---	---	--

Anexo IV - Entrevista a E1

Antes de mais gostaria de lhe agradecer pela disponibilidade.

E1: Ora essa. Não tens que agradecer.

Em primeiro lugar, fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e sobre o seu percurso profissional.

E1: Bem... Antes de mais, nasci na África do Sul e foi lá que eu fiz lá a primária. O liceu e a faculdade já foram feitos em Inglaterra. Lá, só ensinei um ano numa escola primária. Depois, por razões familiares tive que vir viver para Portugal e... Portanto, andei num Instituto, à noite, para aprender a falar e a escrever português e depois, comecei a dar aulas em escolas, através das Juntas de Freguesia. Depois disto surgiu um convite do colégio, onde estou há 12 anos. Inicialmente, ou seja, durante 10 anos, dava aulas a todo o 1.º ciclo, ou seja, tinha 13 turmas... Imensas crianças... Mas depois, com o aumento da carga horária, fiquei só com os 1.º e 2.º anos.

Qual a sua experiência no ensino de uma língua estrangeira, neste caso do inglês, a crianças do pré-escolar e 1º ciclo do EB? A sua experiência centra-se mais em Educação Pré-escolar, 1º Ciclo ou ambas?

E1: A minha experiência centra-se mais no 1º ciclo.

Tem conhecimento dos conteúdos programáticos/orientações programáticas existentes referentes à disciplina do Inglês?

E1: Sim... Eu por acaso até tenho conhecimento do programa da disciplina. Até porque para além da pesquisa pessoal que eu faço, nós somos todas informadas pelo Ministério da Educação, o que até acho muito bem.

Qual a sua opinião sobre este currículo e sobre as competências que desenvolve?

E1: É assim... Eu até concordo e... E lá está! Até considero que deve existir um rumo a seguir. Ainda mais, considero que o currículo do Ministério é assim um bocadinho “pobre”. Para já, antigamente este currículo não existia, mas ainda assim os conteúdos eram igualmente ensinados. Antes, eu criava uma planificação anual, trimestral e semanal, e dava seguimento às mesmas. E até tenho sempre o cuidado de me aperceber

das diferenças de cada turma e ensinar consoante o seu ritmo, pois todas as turmas são diferentes.

Concorda com a inserção da disciplina do inglês no currículo escolar? Porquê?

E1: Sim, até concordo. Para já, acho que é muito fundamental, até porque é uma língua universal e é também uma ferramenta de trabalho. E, por exemplo, os manuais da faculdade são sempre quase todos escritos em inglês e é uma forma de comunicação, tanto ao nível interior do país, como se um dia, por qualquer motivo alguém tiver que emigrar. Portanto... Aliás, é como te digo. Quanto mais cedo as crianças começarem a dominar a língua, mais facilidades terão quando necessitarem de recorrer a ela.

Qual o ano de escolaridade em que considera que devia dar-se início ao ensino do inglês?

E1: Para mim, acho o primeiro contacto com a língua inglesa devia ser efetuado logo, logo, logo em idade de pré-escolar.

Na sua opinião, as crianças deverão iniciar a aprendizagem do inglês na Educação Pré-escolar ou no 1º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?

E1: Deve iniciar-se logo no pré. Porque lá está. Quanto mais novas são as crianças, mais aptas para aprender elas se encontram, tanto ao nível cognitivo, como auditivo. Ou seja, elas têm mais facilidade em receber e apreender outra língua que não a sua língua. É assim, é verdade que por vezes não entendem completamente o seu significado, mas se tiverem sempre contacto com a língua, acho que acabam por reconhecer um bocadinho as palavras quando as ouvem e associam essas tais palavras às imagens que estão a ver.

Neste momento o inglês faz parte do currículo do 1º ciclo do EB a partir do 3º e 4º anos de escolaridade. Acha pertinente a inserção da língua inglesa noutros anos de escolaridade do 1º Ciclo do EB?

E1: Claro. Até acho que o inglês devia fazer parte do currículo desde o 1º ano.

61

62 **Qual a sua opinião sobre a importância da aprendizagem precoce de uma língua**
63 **estrangeira?**

64 E1: Para já, acho que seja de extrema importância. Porque... Aliás, acho que quanto mais
65 cedo aprenderem, mais aptas e mais preparadas estarão para o mundo que as rodeia,
66 “desenvencilhando-se” de qualquer situação que possa surgir.

67

68 **De que forma é que a aprendizagem do Inglês é benéfica para a criança?**

69 E1: É assim... Para já, uma vez que é uma língua universal, se as crianças aprenderem a
70 língua, vão-se sentir muito mais à vontade quando abordarem alguma coisa que envolva
71 a língua, como por exemplo, quando alguém falar com elas em inglês e quiserem retribuir
72 a “gentileza” ou até mesmo quando virem um filme sem legendas e quando ouvirem uma
73 música, entre muitas outras coisas, já se vão sentir confortáveis com a presença da língua.
74 Isto porque já não é uma coisa desconhecida para elas.

75

76 **Indique quais são, para si, as vantagens da aprendizagem do inglês numa fase**
77 **precoce.**

78 E1: Aqui posso reforçar um bocadinho tudo aquilo que já disse... Ou seja, para não me
79 estar a repetir muito, vou ser breve. Acho que quanto mais cedo começarem a abordar a
80 língua, mais facilidades as crianças terão no futuro aos mais diversos níveis, sejam estes,
81 por exemplo, pessoais ou profissionais.

82

83 **Indique, caso considere que existam, as desvantagens da aprendizagem do inglês.**

84 E1: Nada. Como deves calcular não acho que existam quaisquer desvantagens.

85

86 **Qual a sua opinião sobre a inserção do inglês nas restantes áreas curriculares e de**
87 **que forma acha possível essa inserção?**

88 E1: Eu acho que essa complementaridade é sempre muito importante. Até porque, por
89 exemplo, eu tento e acabo por inserir sempre um bocadinho de cada disciplina, seja
90 português, matemática, estudo do meio ou mesmo música, nas minhas próprias
91 planificações e aulas. E também tenho sempre o cuidado de me reunir com as restantes
92 professoras e de me aperceber de que temas estão a abordar e de os abordar em inglês
93 também.

Anexo V - Entrevista a E2

1 **Antes de mais gostaria de lhe agradecer pela disponibilidade e por ter concordado**
2 **em ser entrevistada.**

3 E2: Claro.

5 **Portanto, fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e sobre o seu percurso**
6 **profissional.**

7 E2: Portanto... Em primeiro lugar, licenciiei-me em LLM Inglês/Alemão, isto em 2000,
8 e fiz o Ramo de Formação Educacional em Ensino de Inglês e Alemão que terminei em
9 2002. Após esse ano estive a dar Inglês e Alemão numa Escola de Línguas, numa Escola
10 Profissional e desde 2005, que estou no Ensino Privado, mas só lecionando Inglês.

12 **Qual a sua experiência no ensino de uma língua estrangeira, neste caso do inglês, a**
13 **crianças do pré-escolar e 1º ciclo do EB? A sua experiência centra-se mais em**
14 **Educação Pré-escolar, 1º Ciclo ou ambas?**

16 E2: Tenho experiência em ambos, apesar de ter mais experiência no 1.º Ciclo. Ou seja,
17 sou professora de Inglês há 11 anos, no Ensino Privado. Isto no 1.º Ciclo. Mas no mesmo
18 estabelecimento de ensino privado, lecionei Inglês também ao Pré-Escolar durante cerca
19 de 5 anos.

21 **Tem conhecimento dos conteúdos programáticos/orientações programáticas**
22 **existentes referentes à disciplina do Inglês?**

23 E2: Sim, tenho. É necessário que ande sempre informada acerca deles.

25 **Qual a sua opinião sobre este currículo e sobre as competências que desenvolve?**

26 E2: Até acho que o currículo se encontra adequado ao ensino de Inglês especialmente
27 para as crianças que não tenham quaisquer conhecimentos nessa língua. Por exemplo, no
28 caso do Ensino Privado, onde por norma as crianças iniciam a aprendizagem do Inglês no
29 Pré-Escolar, aí já considero que o currículo se encontra manifestamente inadequado. De
30 qualquer forma, o currículo parece-me... Vá, maioritariamente adequado uma vez que
31 pretende desenvolver de uma forma equilibrada as quatro competências comunicativas.

33 **Concorda com a inserção da disciplina do inglês no currículo escolar? Porquê?**

34 E2: Concordo, uma vez que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma mais valia
35 no crescimento intelectual da criança e, além do mais, a inserção do Inglês no currículo
36 escolar vai permitir uma maior democratização no acesso à aprendizagem de um idioma
37 estrangeiro, que até aqui estava mais disponível no ensino privado ou em escolas de
38 Línguas.

39

40 **Qual o ano de escolaridade em que considera que devia dar-se início ao ensino do**
41 **inglês?**

42 E2: Inserido no currículo escolar, considero que seja no 1ºano.

43

44 **Na sua opinião, as crianças deverão iniciar a aprendizagem do inglês na Educação**
45 **Pré-escolar ou no 1º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?**

46 E2: O início da aprendizagem do inglês no Pré-Escolar dá à criança uma maior
47 predisposição e abertura para uma língua estrangeira, pois vai expô-la a novos sons e até
48 a novas questões culturais, o que considero bastante importante. Mas, no entanto, o que
49 acontece é que no 1.º ciclo, não se dá uma continuidade ao trabalho já desenvolvido, ou
50 seja, volta-se um pouco ao início. Infelizmente esta questão causa um nível elevado de
51 desmotivação junto das crianças e dos pais, e é por esta razão que considero que a
52 aprendizagem do Inglês se deve iniciar no 1ºciclo.

53

54 **Neste momento o inglês faz parte do currículo do 1º ciclo do EB a partir do 3º e 4º**
55 **ano de escolaridade. Acha pertinente a inserção da língua inglesa noutros anos de**
56 **escolaridade do 1º Ciclo do EB?**

57 E2: Sim. Pois, tal como já referi, acho que o inglês deve ser lecionado e inserido no
58 currículo desde o 1ºano do Ensino Básico.

59

60 **Qual a sua opinião sobre a importância da aprendizagem precoce de uma língua**
61 **estrangeira?**

62 E2: Eu penso que a aprendizagem precoce de uma língua estrangeira é bastante benéfica
63 para a criança, isto porque aumenta a sua capacidade linguística, o gosto por aprender de
64 forma lúdica e alarga o espectro cultural da criança, ao aprender sobre outros países e
65 outras realidades. Além disso, a aprendizagem de uma língua estrangeira é um meio muito
66 facilitador na aquisição da própria língua materna.

67

68 **De que forma é que a aprendizagem do Inglês é benéfica para a criança?**

69 E2: É assim... Eu acho que é benéfica na medida em que, como já referi antes, ajuda no
70 aumento da capacidade linguística das crianças e além disso elas ganham aquele gosto
71 por aprender uma língua nova.

72

73 **Indique quais são, para si, as vantagens da aprendizagem do inglês numa fase**
74 **precoce**

75 E2: Não há muito mais que possa ser dito. Apenas posso reforçar um pouco aquilo que
76 disse anteriormente. Além disso, as crianças gostam de aprender coisas novas e quando
77 se insere uma nova língua, elas ficam curiosas e querem sempre saber mais e mais.

78

79 **Indique, caso considere que existem, as desvantagens da aprendizagem do inglês.**

80 E2: Não acho que existam.

81

82 **Qual a sua opinião sobre a inserção do inglês nas restantes áreas curriculares e de**
83 **que forma acha possível essa inserção?**

84 E2: É possível em modo “Cross Curricular”, ou seja... Por exemplo, partindo dos
85 conteúdos de Estudo do Meio e Matemática. A partir daqui podemos ensinar vocabulário
86 em Inglês alusivo a essas temáticas. No entanto eu penso que esta inserção só é possível
87 se houver uma grande articulação entre o Professor Titular da turma e o professor de
88 Inglês, bem como uma gestão muito concertada dos currículos das várias áreas.

Anexo VI - Entrevista a E3

1 **Bom dia! Antes de mais, gostaria de lhe agradecer pela disponibilidade em**
2 **responder às questões propostas.**

3 **Esta entrevista destina-se a um trabalho de investigação, presente no meu**
4 **Relatório Final de Mestrado, a apresentar no ISEC e o seu contributo é fundamental**
5 **para o êxito do mesmo.**

6
7 **Fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e sobre o seu percurso**
8 **profissional.**

9 E3: I specialized in curriculum development, with a special emphasis on bilingual
10 language acquisition and ESL reading development. My teaching and research activities
11 over the last fifteen years have focused on designing curriculum standards, studying
12 instructional methods and assessing literacy development, both for native speakers and
13 for English-language learners.

14
15 **Fale-me um pouco sobre a sua experiência formativa e ao nível da investigação na**
16 **área do ensino de uma segunda língua e, de forma concreta, no ensino do inglês como**
17 **segunda língua.**

18 E3: I developed graduate courses to train teachers to teach English as a Second Language
19 (ESL) to young learners and elementary school students, both in the USA and in Portugal.
20 In addition, I published widely in the area of bilingual education. For example, in 2000 I
21 published the article "The literacy development of kindergarten English-language
22 learners". More recently, I have written several book chapters about English language
23 learning. See LINK:

24 https://www.academia.edu/16080870/Strategies_for_Teaching_English_Language_Learners
25

26
27 **Quais os aspetos mais relevantes que a investigação nesta área têm evidenciado?**

28 E3: Não há uma relação simples entre o tempo de aprendizagem de uma segunda língua
29 e as competências que resultam dessa aprendizagem. Não podemos afirmar que mais
30 tempo de aprendizagem vai produzir melhores resultados. Por vezes, menos anos de

aprendizagem com início numa faixa etária mais tardia produzem resultados tão bons como uma aprendizagem mais precoce e prolongada no tempo. Uma das razões para esta aparente contradição é o facto de alunos mais velhos, por exemplo entre os 8-12 anos, apresentarem capacidades cognitivas que facilitam a aprendizagem de uma segunda língua (Collier, 1987). Essas capacidades passam pelo conhecimento da língua materna, o que facilita a aprendizagem de uma segunda língua, e pela capacidade de análise do funcionamento da segunda língua por comparação com a língua materna. Outros factores, como a personalidade e a motivação, podem contribuir para a rápida aprendizagem de uma segunda língua por adolescentes e adultos. Principalmente no caso de investigações feitas com adultos, é de esperar que estes estejam muito motivados para aprenderem uma segunda língua. Escolhem aprender uma segunda língua por sua própria iniciativa e não por imposição do currículo escolar.

O que podemos afirmar é que, a longo prazo, dadas as condições ideais de aprendizagem com métodos e pedagogia adequados, os alunos que começam mais cedo a aprendizagem de uma segunda língua vão conseguir melhor desempenho que os que começam mais tarde (Lesson-Hurley, 2000). Podemos ainda afirmar que uma análise exaustiva da literatura revela serem apenas os que adquiriram uma segunda língua antes da puberdade os que conseguem um desempenho muito próximo dos falantes dessa língua como língua materna, sobretudo na pronúncia (Larsen—Freeman, 1991).

Na sua opinião, qual a importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira?

E3: Atingir um grau de proficiência linguística avançado que permita comunicar fluentemente, tanto oralmente como por escrito (mínimo B2 na escala da CEFR), no final do Ensino Básico.

Qual a idade que considera ser mais adequada para dar início ao ensino do inglês?

E3: Ensino Informal/Familiarização Entre os 3 e os 7 anos

Ensino Curricular Formal Entre os 7 e os 10 anos

61 **De que forma é que a aprendizagem do Inglês é benéfica para a criança?**

62 E3: Proporciona o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, por exemplo,
63 a habilidade de compreender diferentes perspetivas. Ver este artigo recente:

64 [http://www.nytimes.com/2016/03/13/opinion/sunday/the-superior-social-skills-of-](http://www.nytimes.com/2016/03/13/opinion/sunday/the-superior-social-skills-of-bilinguals.html?_r=0)
65 [bilinguals.html?_r=0](http://www.nytimes.com/2016/03/13/opinion/sunday/the-superior-social-skills-of-bilinguals.html?_r=0)

66

67 **Indique quais são, para si, as vantagens da aprendizagem do inglês numa fase**
68 **precoce.**

69 E3: A familiarização com a língua; sobretudo com a sua fonética e cultura.

70

71 **Indique, caso considere que existem, as desvantagens da aprendizagem do inglês.**

72 E3: ____ Não existem

73

74 **Neste momento o inglês faz parte do currículo do 1º ciclo do EB a partir do 3º e 4º**
75 **ano de escolaridade. Acha pertinente a inserção da língua inglesa noutros anos de**
76 **escolaridade do 1º Ciclo do EB?**

77 E3: Penso que está bem assim, pois a inserção nesta etapa segue-se à consolidação da
78 aprendizagem da leitura e da escrita em Português.

79

80 **Qual a sua opinião sobre a inserção do inglês nas restantes áreas curriculares e de**
81 **que forma acha possível essa inserção?**

82 E3: A inserção do inglês nas restantes áreas curriculares faz sentido se o objectivo for que
83 os alunos atinjam níveis de bilinguismo Português/Inglês. Essa inserção pode ser feita
84 seguindo princípios de CLIL (Content Integrated Learning). Qualquer programa CLIL
85 tem potencial, mas apresenta muitos desafios do ponto de vista metodológico (grande
86 preparação do professor e capacidade de adaptação de conteúdos pedagógicos).

Anexo VII - Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Unidades de contexto
Inserção da disciplina de inglês no currículo escolar		<p>E1: “Sim, até concordo. Para já, acho que é muito fundamental, até porque é uma língua universal e é também uma ferramenta de trabalho.” (linha 36)</p> <p>E2: “Concordo, uma vez que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma mais valia no crescimento intelectual da criança (...)” (linha 34)</p>
Investigação na área de ensino de uma língua estrangeira	Aspetos mais relevantes da investigação	<p>E3: “Não há uma relação simples entre o tempo de aprendizagem de uma segunda língua e as competências que resultam dessa aprendizagem. Não podemos afirmar que mais tempo de aprendizagem vai produzir melhores resultados. Por vezes, menos anos de aprendizagem com início numa faixa etária mais tardia produzem resultados tão bons como uma aprendizagem mais precoce e prolongada no tempo.” (linha 28)</p> <p>E3: “O que podemos afirmar é que, a longo prazo, dadas as condições ideais de aprendizagem com métodos e pedagogia adequados, os alunos que começam mais cedo a aprendizagem de uma segunda língua vão conseguir melhor desempenho que os que começam mais tarde (Lesson-Hurley, 2000).” (linha 43)</p> <p>E3: “Podemos ainda afirmar que uma análise exaustiva da literatura revela serem apenas os que adquiriram uma segunda língua antes da puberdade os que conseguem um</p>

		desempenho muito próximo dos falantes dessa língua como língua materna, sobretudo na pronúncia (Larsen—Freeman, 1991).” (linha 46)
Ano de escolaridade	Início do ensino-aprendizagem do inglês	<p>E1: “(...) acho o primeiro contacto com a língua inglesa devia ser efetuado logo, logo, logo em idade de pré-escolar.” (linha 45)</p> <p>E1: “Quanto mais novas são as crianças, mais aptas para aprender elas se encontram, tanto ao nível cognitivo, como auditivo. Ou seja, elas têm mais facilidade em receber e apreender outra língua que não a sua língua.” (linha 50)</p> <p>E2: “Inserido no currículo escolar, considero que seja no 1ºano.” (linha 42)</p> <p>E2: “O início da aprendizagem do inglês no Pré-Escolar dá à criança uma maior predisposição e abertura para uma língua estrangeira, pois vai expô-la a novos sons e até a novas questões culturais, o que considero bastante importante. Mas, no entanto, o que acontece é que no 1.º ciclo, não se dá uma continuidade ao trabalho já desenvolvido, ou seja, volta-se um pouco ao início.” (linha 46)</p>
Idade adequada para início do ensino-aprendizagem de uma segunda língua	Idade adequada para o ensino do inglês	<p>E3: “Ensino Informal/Familiarização Entre os 3 e os 7 anos Ensino Curricular Formal Entre os 7 e os 10 anos” (linha 58)</p>

<p>Importância da aprendizagem precoce de uma língua estrangeira</p>		<p>E1: “Para já, acho que seja de extrema importância. (...). Aliás, acho que quanto mais cedo aprenderem, mais aptas e mais preparadas estarão para o mundo que as rodeia, “desenvencilhando-se” de qualquer situação que possa surgir.” (linha 64)</p> <p>E2: “Eu penso que a aprendizagem precoce de uma língua estrangeira é bastante benéfica para a criança, isto porque aumenta a sua capacidade linguística, o gosto por aprender de forma lúdica e alarga o espectro cultural da criança, ao aprender sobre outros países e outras realidades.” (linha 62)</p> <p>E3: “Atingir um grau de proficiência linguística avançado que permita comunicar fluentemente, tanto oralmente como por escrito (mínimo B2 na escala da CEFR), no final do Ensino Básico.” (linha 53)</p>
<p>Benefícios da aprendizagem de uma língua estrangeira</p>	<p>Benefícios e vantagens do ensino-aprendizagem do inglês</p>	<p>E1: “Para já, uma vez que é uma língua universal, se as crianças aprenderem a língua, vão-se sentir muito mais à vontade quando abordarem alguma coisa que envolva a língua, como por exemplo, quando alguém falar com elas em inglês e quiserem retribuir a “gentileza” ou até mesmo quando virem um filme sem legendas e quando ouvirem uma música, entre muitas outras coisas (...)” (linha 69)</p>

		<p>E1: “Acho que quanto mais cedo comecem a abordar a língua, mais facilidades as crianças terão no futuro aos mais diversos níveis, sejam estes, por exemplo, pessoais ou profissionais.” (linha 79)</p> <p>E2: “Eu acho que é benéfica na medida em que, como já referi antes, ajuda no aumento da capacidade linguística das crianças e além disso elas ganham aquele gosto por aprender uma língua nova.” (linha 69)</p> <p>E2: “Além disso, as crianças gostam de aprender coisas novas e quando se insere uma nova língua, elas ficam curiosas e querem sempre saber mais e mais.” (linha 76)</p> <p>E3: “Proporciona o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, por exemplo, a habilidade de compreender diferentes perspetivas.” (linha 62)</p> <p>E3: “A familiarização com a língua; sobretudo com a sua fonética e cultura.” (linha 69)</p>
<p>Inserção do inglês no 1.º Ciclo do EB</p>	<p>Ano de escolaridade mais adequado para a inserção do inglês na carga horária dos alunos</p>	<p>E1: “Até acho que o inglês devia fazer parte do currículo desde o 1º ano.” (linha 60)</p> <p>E2: “Pois, tal como já referi, acho que o inglês deve ser lecionado e inserido no currículo desde o 1º ano do Ensino Básico.” (linha 57)</p>

		E3: “Penso que está bem assim, pois a inserção nesta etapa segue-se à consolidação da aprendizagem da leitura e da escrita em Português.” (linha 77)
Interdisciplinaridade	Inserção do inglês nas restantes áreas curriculares	<p>E1: “ (...) essa complementaridade é sempre muito importante. Até porque, por exemplo, eu tento e acabo por inserir sempre um bocadinho de cada disciplina, seja português, matemática, estudo do meio ou mesmo música, nas minhas próprias planificações e aulas.” (linha 88)</p> <p>E2: “É possível em modo “Cross Curricular”, ou seja... Por exemplo, partindo dos conteúdos de Estudo do Meio e Matemática. A partir daqui podemos ensinar vocabulário em Inglês alusivo a essas temáticas.” (linha 84)</p> <p>E3: “A inserção do inglês nas restantes áreas curriculares faz sentido se o objectivo for que os alunos atinjam níveis de bilinguismo Português/Inglês.” (linha 82)</p>

